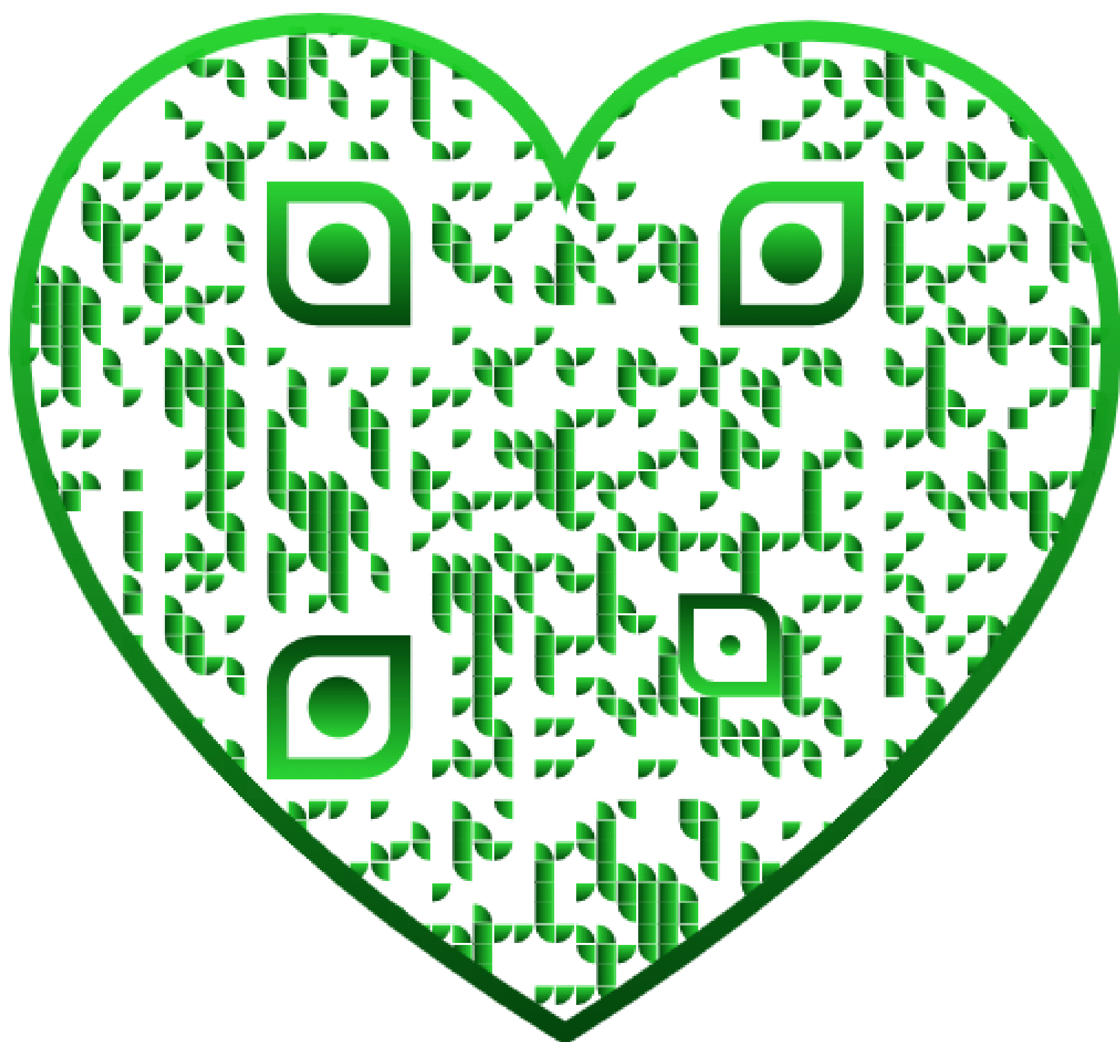
PORTUGUÊS

Lima Barreto
José de Alencar
Augusto dos Anjos
Machado de Assis
Cruz e Souza
Pero Vaz de Caminha
Luis de Camões
Castro Alves
Cláudio Manoel da Costa
Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS



Apoio:



Patrocínio:



Bradesco

Realização:



O Noviço

Martins Pena

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br
Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

O Noviço
Martins Pena

Comédia em 3 atos

P E R S O N A G E N S
AMBRÓSIO
FLORÊNCIA - sua mulher
EMÍLIA - sua filha
JUCA - 9 anos, dito
CARLOS - noviço da Ordem de S. Bento
ROSA - provinciana, primeira mulher de Ambrósio
PADRE - MESTRE DOS NOVIÇOS
JORGE
JOSÉ - criado
1 meirinho, que fala
2 ditos, que não falam
Soldados de Permanentes, etc. ,etc.
(A cena passa-se no Rio de Janeiro)

ATO PRIMEIRO

Sala ricamente adornada: mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo, porta de saída, uma janela, etc., etc.

CENA 1

AMBRÓSIO, só de calça preta e chambre - No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em

mim se vê o exemplo. Há oito anos, eu era pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver que responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres

CENA 2

Entra Florência vestida de preto, como quem vai à festa.
FLORÊNCIA - Entrando - Ainda despido, Sr. Ambrósio?
AMBRÓSIO - É cedo (Vendo o relógio) São nove horas e o ofício de Ramos principia às dez e meia.
FLORÊNCIA - É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.
AMBRÓSIO - Para tudo há tempo. Ora, dize-me, minha bela Florência...
FLORÊNCIA - O que, meu Ambrosinho?
AMBRÓSIO - O que pensa tua filha do nosso projeto?
FLORÊNCIA - O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu - e basta. E é seu dever obedecer.
AMBRÓSIO - Assim é; estimo que tenhas caráter enérgico.
FLORÊNCIA - Energia tenho eu.
AMBRÓSIO - E atrativos, feiticeira.
FLORÊNCIA- Ai, amorzinho! (à parte:) Que marido!
AMBRÓSIO - Escuta-me, Florência, e dá-me atenção. Crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...
FLORÊNCIA - Toda eu sou atenção
AMBRÓSIO - Dous filhos te ficaram do teu primeiro matrimônio. Teu marido foi um digno homem de muito juízo; deixou-te herdeira de avultado cabedal. Grande mérito é esse...
FLORÊNCIA - Pobre homem!
AMBRÓSIO - Quando eu te vi pela primeira vez não sabia que era viúva rica. (à parte:) Se o sabia! (Alto:) Amei-te por simpatia.
FLORÊNCIA - Sei disso, vidinha.
AMBRÓSIO - E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.
FLORÊNCIA - Foi o amor que nos uniu.
AMBRÓSIO - Foi, foi, mas agora que me acho casado contigo, é de meu dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.
FLORÊNCIA, à parte - Que marido!
AMBRÓSIO, à parte - Que tola! (Alto:) Até o presente tens gozada desta fortuna em plena liberdade e a teu bel-prazer; mas daqui em diante, talvez assim não seja.
FLORÊNCIA - E por quê?
AMBRÓSIO - Tua filha está moça e em estado de casar-se. Casar-se-á, e terás um genro que exigirá a legítima de sua mulher, e desse dia,

principiarão as amofinações para ti, e intermináveis demandas . Bem sabes que ainda não fizestes inventário.

FLORÊNCIA - Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBRÓSIO - Teu filho também vai a crescer todos os dias e será preciso por fim dar-lhe a sua legítima... Novas demandas

FLORÊNCIA - Não, não quero demandas.

AMBRÓSIO - É o que eu também digo; mas como preveni-las?

FLORÊNCIA - Faze o que entenderes, meu amorzinho.

AMBRÓSIO - Eu já te disse há mais de três meses o que era preciso fazermos para atalhar esse mal. Amas a tua filha, o que é muito natural, mas amas ainda mais a ti mesma...

FLORÊNCIA - O que também é muito natural...

AMBRÓSIO - Que dúvida! E eu julgo que podes conciliar esses dous pontos, fazendo Emília professar em um convento. Sim, que seja freira. Não terás nesse caso de dar legítima alguma, apenas um insignificante dote - e farás ação meritória.

FLORÊNCIA - Coitadinha! Sempre tenho pena dela; o convento é tão triste!

AMBRÓSIO - É essa compaixão mal-entendida! O que é este mundo? Um pélago de enganos e traições, um escolho em naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida. E o que é o convento? Porto de salvação e ventura, asilo da virtude, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORÊNCIA - Não, por certo...

AMBRÓSIO - A mocidade é inexperiente, não sabe o que lhe convém. Tua filha lamentar-se-á, chorará desesperada, não importa; obriga-a e daí tempo ao tempo. Depois que estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua tranqüilidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. (À parte:) E a legítima ficará em casa.

FLORÊNCIA - Tens razão, meu Ambrosinho, ela será freira.

AMBRÓSIO - A respeito de teu filho direi o mesmo. Tem ele nove anos e será prudente criarmo-lo desde já para frade.

FLORÊNCIA - Já ontem comprei-lhe o hábito com que andará vestido daqui em diante.

AMBRÓSIO - Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento; será frade feliz. (À parte:) E a legítima também ficará em casa.

FLORÊNCIA - Que sacrifícios não farei eu para a ventura dos meus filhos!

CENA 3

Entra Juca, vestido de frade, com chapéu desabado, tocando um assobio.

FLORÊNCIA - Anda cá, filhinho. Como estais galante com esse hábito!
AMBRÓSIO - Juquinha, gostas desta roupa?
JUCA - Não , não me deixa correr, é preciso levantar assim...
(Arregaça o hábito)
AMBRÓSIO - Logo te acostumarás.
FLORÊNCIA - Filhinho, hás-de ser um fradinho muito bonito.
JUCA, chorando - Não quero ser frade!
FLORÊNCIA - Então, o que é isso?
JUCA - Hi, hi, hi... Não quero ser frade!
FLORÊNCIA - Menino!
AMBRÓSIO - Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro.
JUCA, rindo-se - Onde está o carrinho?
AMBRÓSIO - Já o encomendei; é cousa muito bonita: os arreios todos enfeitados de fitas e veludo.
JUCA - Os cavalos são de ouro?
AMBRÓSIO - Pois não, de ouro com olhos de brilhantes.
JUCA - E andam sózinhos?
AMBRÓSIO - Se andam! De marcha e passo.
JUCA - Andam, mamãe?
FLORÊNCIA - Correm, filhinho.
JUCA, saltando de contente - Como é bonito! E o carrinho tem rodas, capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada?
AMBRÓSIO - Não lhe falta nada.
JUCA - E quando vem?
AMBRÓSIO - Assim que estiver pronto.
JUCA, saltando e cantando, - Eu quero ser frade, eu quero ser frade...
(Etc.)
AMBRÓSIO, para Florência - Assim o iremos acostumando
FLORÊNCIA - Coitadinho, é preciso comprar-lhe o carrinho!
AMBRÓSIO, rindo-se - Com cavalos de ouro?
FLORÊNCIA - Não.
AMBRÓSIO - Basta que se compre uma caixinha com soldadinhos de chumbo.
JUCA, saltando pela sala - Eu quero ser frade!
FLORÊNCIA - Está bom, Juquinha, serás frade, mas não grites tanto. Vai lá para dentro.
JUCA sai cantando - Eu quero ser frade... (etc.)
FLORÊNCIA - Estas crianças...
AMBRÓSIO - Este levaremos com facilidade... De pequenino se torce o pepino... Cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.
FLORÊNCIA - Já vai para seis meses que ele entrou como noviço no

convento.
AMBRÓSIO - E queira Deus que decorra o ano inteiro para professar, que só assim ficaremos tranqüilos.
FLORÊNCIA - E se fugir do convento?
AMBRÓSIO - Lá isso não temo eu... Está bem recomendado. É preciso empregarmos toda nossa autoridade para obrigá-lo a professar. O motivo, bem o sabes...
FLORÊNCIA - Mas olha que Carlos é da pele, é endiabrado.
AMBRÓSIO - Outros tenho eu domado... Vão sendo horas de sairmos, vou me vestir (Sai pela esquerda.)

CENA 4

FLORÊNCIA - Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. É uma bela pessoa... Rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora, digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cinqüenta.

CENA 5

Entrou Emília, vestida de preto, como querendo atravessar a sala.
FLORÊNCIA - Emília, vem cá.
EMÍLIA - Senhora?
FLORÊNCIA - Chega aqui. Ó menina, não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?
EMÍLIA - Minha mãe, eu não estou triste. (Limpa os olhos com o lenço.)

FLORÊNCIA - Aí tem! Não digo? A chorar. De que chora?
EMÍLIA - De nada, não senhora.
FLORÊNCIA - Ora, isto é insuportável! Mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade da sua filha, e como agradece esta? Arrepelando-se e chorando. Ora, sejam lá mãe e tenham filhos desobedientes...
EMÍLIA - Não sou desobediente. Far-lhe-ei a vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir. (Aqui aparece à porta por onde saiu, Ambrósio, em mangas de camisa, para observar)
FLORÊNCIA - E por que tanto chora a menina, por quê?
EMÍLIA - Minha mãe...
FLORÊNCIA - O que tem de mau a vida de freira?
EMÍLIA - Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ela.
FLORÊNCIA - Inclinação, inclinação! O que quer dizer inclinação? Terás, sem dúvida, por algum francelho freqüentador de bailes e passeios, jogador do écarté e dançador de polca? Essas inclinações é

que perdem muitas meninas. esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que me convém: serás freira.
EMÍLIA - Serei freira, minha mãe, serei! Assim como estou certa que hei-de ser desgraçada.
FLORÊNCIA - Histórias! Sabes tu o que é o mundo? O mundo é... é... (À parte:) Já não me recordo o que me disse o Sr. Ambrósio o que era o mundo. (Alto:) O mundo é... um... é... (À parte:) E esta? (Vendo Ambrósio junto da porta:) Ah, Ambrósio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.
AMBRÓSIO, adiantando-se - O mundo é um pélago de enganos e traições, um escolho em que naufragam as felicidades e as doces ilusões da vida... E o convento é porto de salvação e ventura, único abrigo da inocência e da verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?
FLORÊNCIA - Lá em cima no sótão. (Ambrósio sai pela direita. Florência para Emília:) Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não sejas pateta, vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (Sai pela direita)

CENA 6

Emília e depois Carlos
EMÌLIA - É minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padrasto, como o detesto! Estou certa que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. Ser freira? Oh, não, não! E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe casou-se com este homem! Então não pensou ela na felicidade de seus filhos. Ai, ai!

CENA 7

Carlos, com hábito de noviço, entra assustado e fecha a porta.
EMÍLIA, assustando-se - Ah, quem é? Carlos!
CARLOS - Cala-te
EMÍLIA - Meu Deus, o que tens, por que estás tão assustado? O que foi?
CARLOS - Aonde está minha tia, e o teu padrasto?
EMÍLIA - Lá em cima. Mas o que tens?
CARLOS - Fugi do convento, e aí vêm eles atrás de mim.
EMÍLIA - Fugiste? E por que motivo?
CARLOS - Por que motivo? pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há sete dias... Vê como tenho esta barriga, vai a sumir-se. Desde sexta feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.
EMÍLIA - Coitado!
CARLOS - Hoje, já não podendo, questionei com o D. Abade. Palavras

puxam palavras; dize tu, direi eu, e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMÍLIA - O que fizestes, louco?

CARLOS - E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minhas inclinações? Não nasci para frade, não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços encruzados. Não me vai o gosto para aí... Não posso jejuar; tenho, pelo mesno três vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Militar é que eu quisera ser; para aí chama-me a inclinação. Bordoadas, espadeiradas, rusgas é que me regalam; esse é o meu gênio. Gosto de teatro, e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção de Frei Maurício, que freqüenta a platéia de casaca e cabeleireira para esconder a coroa.

EMÍLIA - Pobre Carlos, como terás passado estes seis meses de noviciado!

CARLOS - Seis meses de martírio! Não que a vida de frade seja má; boa é ela para quem a sabe gozar e que para ela nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para tal vidinha negação completa, não posso!

EMÍLIA - E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-á.

CARLOS - O tempo acostumar! Eis aí porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates. Este tem jeito para sapateiro: pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico: pois não senhor, será político... Ora, ainda isso vá. Estoutro só tem jeito para caiador ou borrador: nada, é ofício que não presta... Seja diplomata, que borra tudo quanto faz. Aqueloutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz; seja tesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cofres da nação à garra... Essoutro tem uma grande carga de preguiça e indolência e só serviria para leigo de convento, no entanto vemos o bom do mandrião empregado público, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMÍLIA - Tens muita razão; assim é.

CARLOS - Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes cousas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil... E assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis. O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida, e assim se gasta uma vida? É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso, e alguém que possa.

EMÍLIA - Quem pode nem sempre sabe o que se passa entre nós, para poder remediar; é preciso falar.

CARLOS - O respeito e a modéstia prendem muitas línguas, mas lá vem um

dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte quanto mais comprimida.

EMÍLIA - Mas Carlos, hoje te estou desconhecendo...

CARLOS - A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excelente enfermeiro; acolá, um periodiqueiro que só serviria para arrieiro, tão desbocado e insolente é, etc., etc. Tudo está fora de seus eixos.

EMÍLIA - Mas que queres tu que se faça?

CARLOS - Que não se constranja ninguém, que se estudem os homens e que haja uma bem entendida e esclarecida proteção, e que, sobretudo, se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias e amarra o homem de talento à manjedoura. Eu, que quisera viver com uma espada à cinta e à frente do meu batalhão, conduzi-lo ao inimigo através da metralha, bradando: “Marcha... (Manobrando pela sala, entusiasmado:) Camaradas, coragem, calar baionetas! Marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo fraqueia... (Seguindo Emília, que recua, espantada:) Avança!”

EMÍLIA - Primo, primo, que é isso? Fique quieto!

CARLOS, entusiasmado -”Avança, bravos companheiros, viva a Pátria Viva!” - e voltar vitorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez desta vida de agitação e glória, hei-de ser frade, revestir-me de paciência e humildade, encomendar defuntos... (Cantando:) Requiescat in pace... a porta inferi! amen... O que seguirá disto? O ser eu péssimo frade, descrédito do convento e vergonha do hábito que visto. Falta-me a paciência.

EMÍLIA - Paciência, Carlos, preciso eu também ter, e muita. Minha mãe declarou-me positivamente que eu hei-de ser freira.

CARLOS - Tu, freira? Também te perseguem?

EMÍLIA - E meu padrasto ameaça-me.

CARLOS - Emília, aos cinco anos estava eu órfão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha tutora. Contigo cresci nesta casa e à amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... Eu te amei, Emília, e tu também me amaste.

EMÍLIA - Carlos!

CARLOS - Vivíamos felizes esperando que um dia nos uniríamos. Nesses planos estávamos quando apareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto iludir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, de seus interesses e contrair segundas núpcias.

EMÍLIA - Desde então nossa vida tem sido tormentosa...

CARLOS - Obrigaram-me a ser noviço, e não contentes com isso, querem-te fazer freira. Emília, há muito tempo que eu observo este teu padrasto. E sabes qual tem sido o resultado das minhas observações?

EMÍLIA - Não.

CARLOS - Que ele é um rematadíssimo velhaco.
EMÍLIA - Oh, estás bem certo disso?
CARLOS - Certíssimo! Esta resolução que tomaram, de fazerem-te freira, confirma a minha opinião.
EMÍLIA - Explica-te
CARLOS - Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me, impunemente , a herança que meu pai deixou-me. Um frade não põe demandas...
EMÍLIA - É possível?
CARLOS - Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote, se te casares.
EMÍLIA - Carlos, quem te disso isso? Minha mãe não é capaz!
CARLOS - Tua mãe vive iludida. Oh, que não possa eu desmascarar este tratante!...
EMÍLIA - Fala baixo!

CENA 8

Entra Juca
JUCA - Mana, mamãe pergunta por você.
CARLOS - De hábito? Também ele? Ah!...
JUCA, correndo para Carlos - Primo Carlos.
CARLOS, tomando-o no colo - Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano?
JUCA - Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?
CARLOS - O que dizes?
JUCA - Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade (Cantando:) Eu quero ser frade... (etc., etc.)
CARLOS, para Emília - Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança!
JUCA - Não enganam não, primo; os cavalos andam sozinhos.
CARLOS, para Emília - Então?
EMÍLIA - Meu Deus!
CARLOS - Deixa o caso por minha conta. Hei-de fazer uma estralada de todos os diabos, verão...
EMÍLIA - Prudência!
CARLOS - Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã (Bota-o no chão.)
JUCA - Vamos, mana. (Sai cantando:) Eu quero ser frade... (Emília o segue.)

CENA 9

CARLOS, só - Hei-de descobrir algum meio... Oh ,se hei-de! Hei-de ensinar a este patife, que casou-se com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos. Que belo padrasto!.. Mas por ora tratemos de mim; sem dúvida no convento anda tudo em polvorosa... Foi boa cabeçada! O D. Abade deu um salto de trampolim... (Batem à porta.) Batem? Mau! Serão eles? (Batem.) Espreitemos pelo buraco da fechadura. (Vai espreitar) É uma mulher... (Abre aporta.)

CENA 10

Rosa e Carlos.

ROSA - Dá licença?

CARLOS - Entre.

ROSA, entrando - Uma serva de Vossa Reverendíssima.

CARLOS - Com quem tenho o prazer de falar?

ROSA - Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. Ai, estou muito cansada...

CARLOS - Pois sente-se, senhora. (À parte:) Quem será?

ROSA, sentando-se - Eu chamo-me Rosa. Há uma hora que cheguei do Ceará no vapor Paquete do Norte.

CARLOS - Deixou aquilo por lá tranqüilo?

ROSA - Muito tranqüilo, Reverendíssimo. Houve apenas no mês passado vinte e cinco mortes.

CARLOS - São Brás! Vinte e cinco mortes! E chama a isso tranqüilidade?

ROSA - Se Vossa Reverendíssima soubesse o que por lá vai, não se admiraria. Mas, meu senhor, isto são cousas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguém se importa com isso. Vossa Reverendíssima é cá da casa?

CARLOS - Sim senhora.

ROSA - Então é parente de meu homem?

CARLOS - De seu homem?

ROSA - Sim senhor.

CARLOS - E quem é seu homem?

ROSA - Sr. Ambrósio Nunes.

CARLOS - O Sr. Ambrósio Nunes!...

ROSA - Somos casados há oito anos.

CARLOS - A senhora é casada com o Sr. Ambrósio Nunes, e isto há oito anos?

ROSA- Sim senhor.

CARLOS - Sabe o que está dizendo?

ROSA- Essa é boa

CARLOS - Está em seu perfeito juízo?

ROSA - O Reverendíssimo ofende-me...

CARLOS - Com a fortuna! Conte-me isso, conte-me como se casou, quando,

como, em que lugar?
ROSA - O lugar foi na igreja. Está visto. Quando, já disse; há oito anos.
CARLOS - Mas onde?
ROSA, levanta-se - Eu digo a Vossa Reverendíssima. Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze anos quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. Foi morar na nossa vizinhança. Vossa Reverendíssima bem sabe o que são vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também via-me; eu gostei, ele gostou e nos casamos.
CARLOS - Isso foi anda mão, fia dedo... E tem documentos que provem o que diz?
ROSA - Sim senhor, trago comigo a certidão do vigário que nos casou, assinada pelas testemunhas, e pedi logo duas, por causa das dúvidas. Podia perder uma...
CARLOS - Continue.
ROSA - Vivi dois anos com meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O Sr. Ambrósio tomou conta de nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevidéu a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, havíamos de ganhar muito. Vai isto para seis anos, mas desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele.
CARLOS - Oh!
ROSA - Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Muito chorei, porque pensei que ele havia morrido.
CARLOS - A história vai interessando-me, continue.
ROSA - Eu já estava desenganada, quando um sujeito que foi aqui do Rio disse-me que meu marido ainda vivia e que habitava na Corte.
CARLOS - E nada mais lhe disse?
ROSA - Vossa Reverendíssima vai espantar-se do que eu disser...
CARLOS - Não me espanto, diga
ROSA - O sujeito acrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher.
CARLOS - Ah, disse-lhe isso?
ROSA - E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?
CARLOS - A bigamia é um grande crime; o Código é muito claro.
ROSA - Mas na dúvida, tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e assim que desembarquei, indaguei onde ele morava. Ensinaram-me e venho eu mesma perguntar-lhe que histórias são essas de casamentos.
CARLOS - Pobre mulher, Deus se compadeça de ti!
ROSA - Então é verdade?
CARLOS - Filha, a resignação é uma grande virtude. Quer fiar-se em

mim, seguir meus conselhos?
ROSA - Sim senhor, mas que tenho eu a temer? Meu marido está com efeito casado?
CARLOS - Dê-me cá uma das certidões.
ROSA - Mas...
CARLOS - Fia-se ou não em mim?
ROSA - Aqui está. (Dá-lhe uma das certidões.)
AMBRÓSIO, dentro - Desçam, desçam, que passam as horas.
CARLOS - Aí vem ele.
ROSA - Meu Deus!
CARLOS - Tomo-a debaixo da minha proteção. Venha cá; entre neste quarto.
ROSA - Mas Reverendíssimo...
CARLOS - Entre, entre, senão abandono-a. (Rosa entra no quarto à esquerda e Carlos cerra aporta.)

CENA 11

C A R L O S, só - Que ventura, ou antes, que patifaria! Que tal? Casado com duas mulheres! Oh, mas o Código é muito claro... Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade...

CENA 12

Entra Ambrósio de casaca seguido de Florência e Emília, ambas de véu de renda preta sobre a cabeça.
AMBRÓSIO, entrando - Andem, andem! Irra, essas mulheres a vestirem-se fazem perder a paciência!
FLORÊNCIA, - Estamos prontas.
AMBRÓSIO ,vendo Carlos - Oh, que fazes aqui?
CARLOS principia a passear pela sala de um para outro lado - Não vê? Estou passeando; divirto-me.
AMBRÓSIO - Como é lá isso?
CARLOS, do mesmo modo - Não é da sua conta.
FLORÊNCIA - Carlos, que modos são esses?
CARLOS - Que modos são? São os meus.
EMÍLIA, à parte - Ele se perde!
FLORÊNCIA - Estás doudo?
CARLOS - Doudo estava alguém quando... Não me faça falar...
FLORÊNCIA - Hem?
AMBRÓSIO - Deixe-o comigo. (Para Carlos:) Por que saíste do convento?
CARLOS - Porque quis. Então não tenho vontade?
AMBRÓSIO - Isso veremos. Já para o convento!
CARLOS - rindo-se com força - Ah, ah, ah !

AMBRÓSIO - Ri-se?
FLORÊNCIA, ao mesmo tempo - Carlos!
EMÍLIA - Primo!
CARLOS - Ah, ah, ah!
AMBRÓSIO, enfurecido - Ainda uma vez, obedece-me, ou...
CARLOS - Que cara! Ah, ah! (Ambrósio corre para cima de Carlos.)
FLORÊNCIA, metendo-se no meio - Ambrosinho!
AMBRÓSIO - Deixe-me ensinar a este malcriado.
CARLOS - Largue-o, tia, não tenha medo.
EMÍLIA - Carlos!
FLORÊNCIA - Sobrinho, o que é isso?
CARLOS - Está bom, não se amofinem tanto, voltarei para o convento.
AMBRÓSIO - Ah, já?
CARLOS - Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediência.
AMBRÓSIO - E que não fosse.
CARLOS - Incorreria no seu desagrado? Forte desgraça!...
FLORÊNCIA - Principias?
CARLOS - Não senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... É, meu tio, é... Casado com minha tia segunda vez... Quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.
AMBRÓSIO, assustando-se, à parte - O que diz ele?
CARLOS, que o observa - Não há duvida...
FLORÊNCIA , para Emília - O que tem hoje este rapaz?
CARLOS - Não é assim, senhor meu tio? Venha cá, faça-me o favor, senhor meu rio. (Travando-lhe do braço.)
AMBRÓSIO - Tira as mãos.
CARLOS - Ora, faça-me o favor, senhor meu tio, quero-lhe mostrar uma coisa; depois farei o que quiser. (Levando-o para a porta do quarto.)
FLORÊNCIA - O que é isto?
AMBRÓSIO - Deixa-me!
CARLOS - Um instante. (Retendo Ambrósio com uma mão, com a outra empurra a porta e aponta para dentro, dizendo:) Vê!
A M B R Ó SI O, afirmando a vista - Oh! (Volta para junto de Florência e de Emília, e as toma convulsivo pelo braço.) - Vamos, vamos, são horas!
FLORÊNCIA - O que é?
AMBRÓSIO, forcejando por sair e levá-las consigo - Vamos, vamos!
FLORÊNCIA - Sem chapéu?
AMBRÓSIO - Vamos, vamos! (Sai, levando-as.)
C A R L O S - Então, senhor meu tio? Já não quer que eu vá para o convento? (Depois que ele sai.) Senhor meu tio, senhor meu tio? (Vai a porta, gritando.)

CENA 13

Carlos, só e depois Rosa

C A R L OS, rindo-se - Ah, ah, ah, agora veremos, e me pagaras... E minha tia também há-de pagá-lo, para não se casar na sua idade e ser tão assanhada. E o menino, que não se contentava com uma!...

ROSA, entrando - Então, Reverendíssimo?

CARLOS - Então?

ROSA - Eu vi meu marido um instante e fugiu. Ouvi vozes de mulheres...

CARLOS - Ah, ouviu? Muito estimo. E sabe de quem eram essas vozes?

ROSA - Eu tremo de adivinhar...

CARLOS - Pois adivinhe logo de uma assentada... Eram da mulher de seu marido.

ROSA - E então verdade? Pérfido, traidor! Ah, desgraçada! (Vai a cair desmaiada
e Carlos a sustém nos braços.)

CARLOS - Desmaiada! Sr.a D. Rosa? Fi-la bonita! Esta é mesmo de frade... Senhora, torne a si, deixe desses faniquitos Olhe que aqui não ha quem a socorra. Nada! E esta? Ó Juquinha? Juquinha? (Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha e tocando em outro.) Deixa esses assobios sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma cousa para esta moça cheirar.

JUCA - Mas o quê, primo?

CARLOS - A primeira cousa que encontrares. (Juca larga os assobios na mesa e sai correndo.) Isto está muito bonito! Um frade com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me Santo Antônio! O que diriam, se assim me vissem? (Gritando-lhe ao ouvido:) Olá! - Nada.

JUCA ,entra montado a cavalo em um arco de pipa, trazendo um galheteiro - Vim a cavalo para chegar mais depressa. Está o que achei.

CARLOS - Um galheteiro, menino?

JUCA - Não achei mais nada.

CARLOS - Está bom, dá cá o vinagre. (Toma o vinagre e o chega ao nariz de Rosa.) Não serve; está na mesma. Toma...Vejamos se o azeite faz mais efeito. Isto parece-me salada... Azeite e vinagre. Ainda está mal temperada; venha a pimenta da Índia. Agora creio que não falta nada. Peior é essa; a salada ainda não está boa! Ai, que não tem sal. Bravo, está temperada! Venha mais sal... Agora sim.

ROSA, tomando a si- Onde estou eu?

CARLOS - Nos meus braços.

ROSA, afastando-se - Ah, Reverendíssimo!

CARLOS - - Não se assuste. (Para Juca:) Vai para dentro (Juca sai)

ROSA - Agora me recordo... Pérfido, ingrato!

CARLOS - Não torne a desmaiar, que já não posso.

ROSA - Assim enganar-me! Não há leis, não há justiça?...

CARLOS - Há tudo isso, e de sobra. O que não há é quem as execute. (Rumor na rua)

ROSA, assustando-se - Ah!

CARLOS - O que será isto? (Vai à janela.) Ah, com S. Pedro! (À parte:) O mestre de noviços seguido de meirinhos que me procuram... Não escapo...

ROSA - O que é, Reverendíssimo? De que se assusta?

CARLOS - Não é nada. (À parte:) Estou arranjado! (Chega à janela.) Estão indagando na vizinhança... O que farei?

ROSA - Mas o que é? O quê?

CARLOS, batendo na testa - Oh, só assim... (Para Rosa:) Sabe o que é isto?

ROSA - Diga.

CARLOS - E um poder de soldados e meirinhos que vem prendê-la por ordem de seu marido.

ROSA - Jesus! Salve-me, salve-me!

CARLOS - Hei-de salvá-la; mas faça o que eu lhe disser.

ROSA - Estou pronta

CARLOS - Os meirinhos entrarão aqui e hão-de levar por força alguma cousa - esse é o seu costume. O que é preciso é enganá-los.

ROSA - E como?

CARLOS - Vestindo a senhora o meu hábito, e eu o seu vestido.

ROSA - Oh!

CARLOS - Levar-me-ão preso; terá a senhora tempo de fugir.

ROSA - Mas...

CARLOS - Ta, ta, ta... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade; para isso é que somos frades. Entre para este quarto, dispa lá o seu vestido e mande-me, assim como a toca e xale. Ó Juca? Juca? (Empurrando Rosa:) Não se demore. (Entra Juca.)Juca, acompanha esta senhora e faze o que ela te mandar. Ande, senhora, com mil diabos! (Rosa entra no quarto a esquerda, empurrada por Carlos.)

CENA 14

CARLOS , só - Bravo, esta é de mestre! (Chegando à janela:) Lá estão eles conversando com o vizinho do armarinho. Não tardarão a dar com o rato na ratoeira, mas o rato é esperto e os logrará. Então, vem o vestido?

ROSA, dentro - Já vai.

CARLOS - Depressa! O que me vale é ser o mestre de noviços catacego e trazer óculos. Cairá na esparrela(Gritando:) Vem ou não?

JUCA, traz o vestido, toca e o xale - Esta.

CARLOS - Bom. (Despe o hábito.) Ora vá, senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. (Dá o hábito e o chapéu a Juca.) Toma, leva à moça. (Juca sai.) Agora é que são elas... Isto é mangas? Diabo, por

onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo acertei. Belíssimo! Agora a toca. (Põe a toca.) Vamos ao xale... Estou guapo; creio que farei a minha parte de mulher excelentemente. (Batem na porta.) São eles. (Com voz de mulher.) Quem bate?
MESTRE, dentro - Um servo de Deus.
CARLOS, com a mesma voz - Pode entrar quem é.

CENA 15

Carlos, Mestre de Noviços e três meirinhos
MESTRE - Deus esteja nesta casa
CARLOS - Humilde serva de Vossa Reverendíssima...
MESTRE - Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incômodo que lhe damos, mas nosso dever...
CARLOS - Incômodos, Reverendíssimo Senhor?
MESTRE - Vossa Senhoria há-de permitir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...
CARLOS - Psiu, caluda!
MESTRE - Hem?
CARLOS - Está ali...
MESTRE - Quem?
CARLOS - O noviço...
MESTRE - Ah!
CARLOS - E preciso surpreendê-lo ...
MESTRE - Estes senhores oficiais de justiça nos ajudarão.
CARLOS - Muito cuidado. Este meu sobrinho dá-me um trabalho...
MESTRE - Ah, a senhora é sua tia?
CARLOS - Uma sua criada.
MESTRE - Tenho muita satisfação.
C AR L O S - Não percamos tempo. Fiquem os senhores aqui do lado da porta, Muito calados; eu chamarei o sobrinho. Assim que ele sair, não lhe dêem tempo de fugir; lancem-se de improviso sobre ele e levem-no à força.
MESTRE - Muito bem
CARLOS - Diga ele o que disser, grite como gritar, não façam caso, arrastem-no.
MESTRE - Vamos a isso.
CARLOS - Fiquem aqui. (Coloca-os junto à porta da esquerda.) Atenção. (Chamando para dentro:) Psiu! Psiu! Saia cá para fora, devagarinho! (Prevenção.)

CENA 16

Os mesmos e Rosa vestida de frade e chapéu na cabeça.
ROSA, entrando - Já se foram? (Assim que ela aparece, o Mestre e os

meirinhos se lançam sobre ela e procuram carregar até fora.)
MESTRE- Está preso. Há-de ir. E inútil resistir. Assim não se foge... (Etc., etc.)
ROSA, lutando sempre - Ai, ai, acudam-me! Deixem-me! Quem me socorre? (Etc.)
CARLOS - Levem-no, levem-no. (Algazarra de vozes; todos falam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para aumentar o ruído, toma um assobio que está sobre a mesa e toca. Juca também entra nessa ocasião, etc. Execução.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro ato

CENA 1

Carlos, ainda vestido de mulher, está sentado e Juca à janela.
CARLOS - Juca, toma sentido; assim que avistares teu padrasto lá no fim da rua, avisa-me.
JUCA - Sim, primo.
CARLOS - No que dará tudo isto? Qual será a sorte de minha tia? Que lição! Desanda tudo em muita pancadaria. E a outra, que foi para o convento?... Ah, ah, ah, agora é que me lembro dessa! Que confusão entre os frades quando ela se der a conhecer! (Levantando-se:) Ah, ah, ah, parece-me que estou vendo o D. Abade horrorizado, o mestre de noviços limpando os óculos de boca aberta, Frei Maurício, o folgazão, a rir-se às gargalhadas, Frei Sinfrônio, o austero, levantando os olhos para o céu abismado, e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah, que festa perco eu! Enquanto eu lá estive ninguém lembrou-se de dar-me semelhante divertimento. Estúpidos! Mas, o fim de tudo isto? O fim?...
JUCA, da janela - Aí vem ele!
CARLOS - Já? (Chega à janela.) É verdade. E com que pressa! (Para Juca:) Vai tu para dentro. (Juca sai.) E eu ainda deste modo, com este vestido... Se eu sei o que hei-de fazer?... Sobe a escada...Dê no que der... (Entra no quarto onde esteve Rosa)

CENA 2

Entra Ambrósio; mostra no semblante alguma agitação.
AMBRÓSIO - Lá as deixei no Carmo. Entretidas com o ofício, não darão falta de mim. É preciso, e quanto antes, que eu fale com esta mulher!

É ela, não há dúvida... Mas como soube que eu aqui estava? Quem lhe disse? Quem a trouxe? Foi o diabo, para a minha perdição. Em um momento pode tudo mudar; não se perca tempo. (Chega à porta do quarto) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para fora.

CENA 3

Entra Carlos cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio encaminha-se para o meio da sala, sem olhar para ele, e assim lhe fala.

AMBRÓSIO - Senhora, muito bem conheço as vossas intenções; porém previno-vos que muito vos enganásteis.

CARLOS - Ai, ai!

AMBRÓSIO - Há seis anos que vos deixei; tive para isso motivos muito poderosos...

CARLOS, à parte - Que tratante!

AMBRÓSIO - E o meu silêncio depois deste tempo, devia ter-vos feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

CARLOS, fingindo que chora - Hi, hi, hi ...

AMBRÓSIO - O pranto não me comove. Jamais podemos viver juntos... Fomos casados, é verdade, mas que importa?

CARLOS, no mesmo - Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO - Estou resolvido a viver separado de vós.

CARLOS , à parte - E eu também...

AMBRÓSIO- E para esse fim empreguei todos os meios, todos, entendeis-me? (Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio, e agarra-se às pernas dele, chorando.) Não valem súplicas. Hoje mesmo deixareis esta cidade; senão, serei capaz de um grande crime. O sangue não me aterra, e ai de quem me resiste! Levantai-vos e parti. (Carlos puxa as pernas de Ambrósio, dá com ele no chão e levanta-se, rindo-se.) Ai!

CARLOS - Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO, levanta-se muito devagar, olhando muito admirado para Carlos, que se ri - Carlos! Carlos!

CARLOS - Senhor meu tio! Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO - Mas então o que é isto?

CARLOS - Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO - Como te achas aqui assim vestido?

CARLOS - Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

AMBRÓSIO - Maroto!

CARLOS - Tenha-se lá! Olhe que eu chamo por ela.

AMBRÓSIO - Ela quem, brejeiro?

CARLOS - Sua primeira mulher.

AMBRÓSIO - Minha primeira mulher. É falso...

CARLOS - É falso?

AMBRÓSIO - É.

CARLOS - E será também falsa esta certidão do vigário da freguesia de ... (olhando para a certidão:) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se... (lendo:) em santo matrimônio, à face da Igreja, com D. Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos, etc., etc.? Sendo testemunhas, etc.
AMBRÓSIO - Dá-me esse papel!
CARLOS - Devagar...
AMBRÓSIO - Dá-me esse papel!
CARLOS - Ah, o senhor meu tio encrespa-se. Olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abade.
AMBRÓSIO - Onde está ela?
CARLOS - Em lugar que aparecerá quando eu ordenar.
AMBRÓSIO - Ainda está naquele quarto; não teve tempo de sair.
CARLOS - Pois vá ver. (Ambrósio sai apressado)

CENA 4

CARLOS, só - Procure bem. Deixa estar, meu espertalhão, que agora te hei-de eu apertar a corda na garganta. Estais em meu poder; querer roubar-nos... (Gritando:) Procure bem; talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho. Então? Não acha?

CENA 5

O mesmo e Ambrósio
AMBRÓSIO, entrando - Estou perdido!
CARLOS - Não achou?
AMBRÓSIO - O que será de mim?
CARLOS - Talvez se escondesse em algum buraquinho de rato.
AMBRÓSIO, caindo sentado - Estou perdido, perdido! Em um momento tudo se transtornou. Perdido para sempre!
CARLOS - Ainda não, porque eu posso salvá-lo.
AMBRÓSIO - Tu?
CARLOS - Eu, sim
AMBRÓSIO - Carlinho!
CARLOS - Já?
AMBRÓSIO - Carlinho!
CARLOS - Ora vejam como está terno!
AMBRÓSIO - Por tua vida, salvai-me!
CARLOS - Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...
AMBRÓSIO - E quais são elas?
CARLOS - Nem eu nem o primo Juca queremos ser frades...
AMBRÓSIO- Não serão.
CARLOS - Quero casar-me com minha prima...

AMBRÓSIO - Casarás.
CARLOS - Quero a minha legítima...
AMBRÓSIO - Terás a tua legitima.
CARLOS - Muito bem.
AMBRÓSIO - E tu me prometes que nada dirás a tua tia do que sabes?
CARLOS - Quanto a isso pode estar certo. (À parte:) Veremos...
AMBRÓSIO - Agora dize-me, onde ela está?
CARLOS - Não posso, o segredo não é meu.
AMBRÓSIO - Mas dá-me sua palavra de honra que ela saiu desta casa?
CARLOS - Já saiu, palavra de mulher honrada.
AMBRÓSIO - E que nunca mais voltará?
CARLOS - Nunca mais. (À parte:) Isto é, se quiserem ficar com ela lá no convento, em meu lugar.
AMBRÓSIO - Agora dá-me esse papel.
CARLOS - Espera lá, o negócio não vai assim. Primeiro hão de cumprir-se as condições.
AMBRÓSIO - Carlinho, dá-me esse papel!
CARLOS - Não pode ser.
AMBRÓSIO - Dá-mo, por quem és!
CARLOS - Peior é a seca.
AMBRÓSIO - Eis-me a teus pés. (Ajoelha-se; neste mesmo tempo aparece à porta Florência e Emília, as quais caminham para ele pé ante pé.)
CARLOS - Isso é teima; levante-se!
AMBRÓSIO - Não me levantarei enquanto não mo deres. Para que o queres tu? Farei tudo quanto quiseres, nada me custará para servir-te. Minha mulher fará tudo quanto ordenares; dispõe dela.
FLORÊNCIA - A senhora pode dispor de mim, pois não...
AMBRÓSIO - Ah! (Levanta-se espavorido.)
CARLOS, à parte - Temo-la!...
FLORÊNCIA, para Ambrósio - Que patifaria é essa? Em minha casa e às minhas barbas, aos pés de uma mulher! Muito bem!
AMBRÓSIO - Florência!
FLORÊNCIA - Um dardo que te parta! (Voltando-se para Carlos:) E quem é a senhora?
CARLOS , com a cara baixa - Sou uma desgraçada!
FLORÊNCIA - Ah, é uma desgraçada... Seduzindo um homem casado! Não sabe que... (Carlos que encara com ela, que rapidamente tem suspendido a palavra e, como assombrada, principia a olhar para ele, que ri-se.) Carlos! Meu sobrinho!
EMÍLIA - O primo.
CARLOS - Sim, tiazinha, sim, priminha.
FLORÊNCIA - Que mascarada é essa?
CARLOS - É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.
FLORÊNCIA - Uma comédia?

AMBRÓSIO - Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?

FLORÊNCIA, à parte - Isto não é natural... Aqui há coisa.

AMBRÓSIO - A nossa comédia era mesmo sobre isso.

FLORÊNCIA - O que está o senhor a dizer?

CARLOS, à parte - Perdeu a cabeça (Para Florência:) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio?

AMBRÓSIO - É verdade. O rapaz não tem inclinação, e para que obrigá-lo? Seria crueldade.

FLORÊNCIA - Ah!

CARLOS - E que a prima não seria também freira, e que se casaria comigo.

FLORÊNCIA - É verdade, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO - Sim, para que constranger estas duas almas? Nasceram um para o outro; amam-se. É tão bonito ver um tão lindo par!

FLORÊNCIA - Mas, Sr. Ambrósio, e o mundo que o senhor dizia que era um pélago, um sorvedouro e não sei o que mais?

AMBRÓSIO - Oh, então eu não sabia que estes dous pombinhos se amavam, mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão como ressentem estes dous inocentes, torna-se o convento abismo incomensurável de acerbos males, fonte perene de horríssonas desgraças, perdição do corpo e da alma; e o mundo, se nele ficassem, jardim ameno, suave encanto da vida, tranqüila paz da inocência, paraíso terrestre. E assim sendo, mulher, queria tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

FLORÊNCIA - Oh, não, não.

CARLOS, à parte - Que grande patife!

AMBRÓSIO - Tua filha, que faz parte de ti?

FLORÊNCIA - Não falemos mais nisso. O que fizeste está muito bem feito.

CARLOS - E em reconhecimento de tanta bondade, faço cessão de metade dos meus bens em favor do meu tio e aqui lhe dou a escritura . (Dá-lhe a certidão de Rosa).

AMBRÓSIO, saltando para tomar a certidão - Caro sobrinho! (Abraça-o.) E eu, para mostrar o meu desinteresse, rasgo esta escritura. (Rasga, e, à parte:) Respiro!

FLORÊNCIA - Homem generoso! (Abraça-o)

AMBRÓSIO -, (abraçando-a e à parte:) - Mulher toleirona!

CARLOS, abraçando Emília - Isto vai de roda...

EMÍLIA - Primo!

CARLOS - Priminha, seremos felizes!

FLORÊNCIA - Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos, aprendei comigo a guiar-vos com prudência na vida. Dous anos estive viúva e não me faltaram pretendentes. Viúva rica... Ah, são vinte cães a um osso. Mas eu tive juízo e critério; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero. Meu coração falou por este homem honrado e probo.

CARLOS - Acertadíssima escolha!

FLORÊNCIA - Chega-te para cá, Ambrosinho, não te envergonhes; mereces os elogios que te faço.

AMBRÓSIO, à parte - Estou em brasas...

CARLOS - Não se envergonhe, tio. Os elogios são merecidos. (À parte:) Está em talas...

FLORÊNCIA - Ouves o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma qualidade. Como sou feliz!

AMBRÓSIO - Acabemos com isso. Os elogios assim à queima roupa perturbam-me.

FLORÊNCIA - Se os merece...

AMBRÓSIO - Embora.

CARLOS - Oh, o tio os merece, pois não. Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrosinho em toda a sua via só tem amado a tia...

AMBRÓSIO - Decerto! (À parte:) Quer fazer-me alguma.

FLORÊNCIA - Ai, vida da minha alma!

AMBRÓSIO, à parte - O patife é muito capaz...

CARLOS - Mas nós, os homens, somos tão falsos - assim dizem as mulheres -, que não admira que o tio...

AMBRÓSIO, interrompendo-o - Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS - É verdade; tratemos da promessa. (À parte:) Tem medo, que se pela!

AMBRÓSIO - Irei hoje mesmo ao convento falar ao D. Abade, e dir-lhe-ei que temos mudado de resolução a teu respeito. E de hoje em quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente iluminada e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada. (Aqui entra pelo fundo o mestre dos noviços, seguidos dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do teatro.)

CARLOS - Enquanto assim praticardes, tereis em mim um amigo.

EMÍLIA - Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão súbita mudança, aceito a felicidade que me propondes, sem raciocinar. Darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo.

CARLOS - Cara priminha, quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?

MESTRE, batendo-lhe no ombro - Estais preso. (Espanto dos que estão em cena)

CENA 6

CARLOS - O que é lá isso? (Debatendo-se logo que o agarram.)
MESTRE - Levai-o.
FLORÊNCIA - Reverendíssimo, meu sobrinho...
MESTRE - Paciência, senhora. Levem-no.
CARLOS, debatendo-se - Larguem-me, com todos os diabos!
EMÍLIA - Primo!
MESTRE - Arrastem-no.
AMBRÓSIO - Mas, senhor...
MESTRE - Um instante... Para o convento, para o convento.
CARLOS - Minha tia, tio Ambrósio! (Sai arrastado. Emília cai sentada em uma cadeira; o Padre-Mestre fica em cena.)

CENA 7

Ambrósio, Mestre de Noviços, Florência e Emília.
FLORÊNCIA - Mas senhor, isto é uma violência!
MESTRE - Paciência...
FLORÊNCIA - Paciência, paciência? Creio que tenho tido bastante. Ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso?
AMBRÓSIO- Espera, Florência, ouçamos o Reverendíssimo. Foi, sem dúvida, por ordem do Sr. D. Abade que Vossa Reverendíssima veio prender nosso sobrinho?
MESTRE - Não tomara sobre mim tal trabalho, se não fora por expressa ordem do D. Abade, a quem devemos todos obediência. Vá ouvindo como esse moço zombou de seu mestre. Disse-me a tal senhora, pois tal a supunha eu... Ora fácil foi enganar-me... Além de ter má vista, tenho muito pouca prática de senhoras...
AMBRÓSIO - Sabemos disso.
MESTRE - Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquele quarto.
AMBRÓSIO - Naquele quarto?
MESTRE - Sim senhor, e ali mandou-nos esperar em silêncio. Chamou pelo noviço, e assim que ele saiu lançamo-nos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.
AMBRÓSIO, assustado - Mas a quem, a quem?
MESTRE - A quem?
FLORÊNCIA - Que trapalhada é essa?
AMBRÓSIO - Depressa!
MESTRE - Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abade, com o noviço prisioneiro, e então... Ah!
AMBRÓSIO - Por Deus, mais depressa!

MESTRE - Ainda me coro de vergonha. Então conheci que tinha sido vilmente enganado.
AMBRÓSIO - Mas quem era o noviço preso?
MESTRE - Uma mulher vestida de frade.
FLORÊNCIA - Uma mulher?
AMBRÓSIO, à parte - É ela!
MESTRE - Que vergonha, que escândalo!
AMBRÓSIO - Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!
MESTRE - Tende paciência. Pintar-vos a confusão que por alguns instantes esteve o convento, é quase impossível. O D. Abade, ao conhecer que o noviço preso era uma mulher, pelos longos cabelos que ao tirar o chapéu lhe caíram sobre os ombros, deu um grito de horror. Toda a comunidade acorreu e grande foi então a confusão. Um gritava: Sacrilégio! Profanação! Outro ria-se; este interrogava; aquele respondia ao acaso... Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento, mas alterada e aumentada. No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro, dentro dos canudos do órgão; na cozinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro ângulos do edifício; qual, pensava que D. Abade tinha caído da torre abaixo; qual, que fora arrebatado para o céu. Os sineiros, correndo para as torres, puxavam como energúmenos pelas cordas dos sinos; os porteiros fecharam as portas com horrível estrondo: os responsos soaram de todos os lados, e a algazarra dos noviços dominava esse ruído infernal, causado por uma única mulher. Oh, mulheres!
AMBRÓSIO - Vossa Reverendíssima faz o seu dever; estou disso bem certo.
FLORÊNCIA - Mas julgamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.
MESTRE - Nada tenho eu com essa resolução. Vossa Senhoria entender-se-á a esse respeito com D. Abade.
FLORÊNCIA - O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.
AMBRÓSIO - E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio .
MESTRE - O dia em que o Sr. Carlos sair do convento será para mim dia de descanso. Há doze anos que sou mestre de noviços e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado. Não se passa um só dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço. Os noviços, seus companheiros, os irmãos leigos e os domésticos do convento temem-no como se teme a um touro bravo. Com todos moteja e a todos espanca.
FLORÊNCIA - Foi sempre assim, desde pequeno.
MESTRE - E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranqüilidade de gênio?
FLORÊNCIA - Oh, não foi por meu gosto; meu marido é que persuadiu-me.
AMBRÓSIO, com hipocrisia - Julguei assim fazer um serviço agradável a

Deus.

MESTRE - Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios. Sirva-o cada um com seu corpo e a alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

AMBRÓSIO, com hipocrisia - Pequei, Reverendíssimo, pequei; humilde peço perdão.

MESTRE - Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus.

FLORÊNCIA - Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incômodo que lhe temos dado.

MESTRE - Incômodos? Para ele nascemos nós... passam desapercebidos, e demais, ficam de muros para dentro. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

AMBRÓSIO - Escândalo público?

FLORÊNCIA - Como assim?

MESTRE - O noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abade, deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra.

FLORÊNCIA - Jesus, Maria José!

AMBRÓSIO - Que sacrilégio!

MESTRE - E fugiu ao seu merecido castigo. Fui mandado em seu alcance... Requisitei força pública, e aqui chegando, encontrei uma senhora .

FLORÊNCIA - Aqui, uma senhora?

MESTRE - E que se dizia sua tia.

FLORÊNCIA - Ai!

AMBRÓSIO - Era ele mesmo.

FLORÊNCIA - Que confusão, meu Deus!

AMBRÓSIO - Mas essa mulher, essa mulher? O que é feito dela?

MESTRE - Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abade perguntou-lhe como ela ali se achava vestida com o hábito da Ordem.

AMBRÓSIO - E ela que disse?

MESTRE - Que tinha sido traída por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar, trocara seu vestido pelo hábito que trazia.

AMBRÓSIO - E nada mais?

MESTRE - Nada mais, e fui encarregado de prender a todo o custo o noviço Carlos. E tenho cumprido a minha missão. O que ordenam a este servo de Deus?

AMBRÓSIO - Espere, Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

MESTRE - No convento não se demoram as mulheres.

AMBRÓSIO - Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

MESTRE - Nada sei.

AMBRÓSIO, à parte - O que me espera?

FLORÊNCIA, à parte - Aqui há segredo...

MESTRE - Às vossas determinações...
FLORÊNCIA - Uma serva de Vossa Reverendíssima.
MESTRE, para Florência - Quanto à saída de seu sobrinho do convento, com D. Abade se entenderá.
FLORÊNCIA - Nós o procuraremos. (Mestre sai e Florência acompanha-o até a porta; Ambrósio está como abismado)

CENA 8

Emília, Ambrósio e Florência
EMÍLIA, à parte - Carlos, Carlos, o que será de ti e de mim?
AMBRÓSIO, à parte - Se ela agora me aparece? Se Florência desconfia... Estou metido em boas! Como evitar, como? Oh, decididamente estou perdido. Se a pudesse encontrar... Talvez súplicas, ameaças, quem sabe? Já não tenho cabeça? Que farei? De uma hora para outra aparece-me ela...(Florência bate-lhe no ombro.) Ei-la! (Assustando-se.)
FLORÊNCIA - Agora nós. (Para Emília:) Menina, vai para dentro. (Vai-se Emília.)

CENA 9

Ambrósio e Florência.
AMBRÓSIO, à parte - Temos trovoada grossa...
FLORÊNCIA - Quem era a mulher que estava naquele quarto?
AMBRÓSIO - Não sei.
FLORÊNCIA - Sr. Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?
AMBRÓSIO - Florência, já te disse, não sei. São cousas de Carlos.
FLORÊNCIA - Sr. Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO - Como queres que eu to diga, Florencinha?
FLORÊNCIA - Ah, não sabe? Pois bem, então explique-me: por que razão mostrou-se tão espantado, quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?
AMBRÓSIO - Pois eu espantei-me?
FLORÊNCIA - A ponto de levar-me quase de rastos para a igreja, sem chapéu, lá deixar-me e voltar para casa apressado.
AMBRÓSIO - Qual! Foi por...
FLORÊNCIA - Não estude uma mentira, diga depressa.
AMBRÓSIO - Pois bem: direi. Eu conheço essa mulher.
FLORÊNCIA - Ah! E então quem é ela?
AMBRÓSIO - Queres saber quem é ela? É muito justo, mas aí que está o segredo.
FLORÊNCIA - Segredos comigo?

AMBRÓSIO - Oh, contigo não pode haver segredo, é a minha mulherzinha. (Quer abraça-la)
FLORÊNCIA - Tenha-se lá; quem era a mulher?
AMBRÓSIO, à parte - Não sei o que lhe diga...
FLORÊNCIA - Vamos!
AMBRÓSIO - Essa mulher... Sim, essa mulher que há pouco estava naquele quarto, foi amada por mim.
FLORÊNCIA - Por ti?
AMBRÓSIO - Mas nota que digo: foi amada, e o que foi, já não é.
FLORÊNCIA - Seu nome?
AMBRÓSIO - Seu nome? Que importa o nome? O nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas... Nada vale; o indivíduo é tudo... Tratemos do indivíduo. (À parte:) Não sei como continuar.
FLORÊNCIA - Então, e que mais?
AMBRÓSIO - Amei a essa mulher. Amei, sim, amei. Essa mulher foi por mim amada, mas então não te conhecia. Oh, e quem ousará criminar a um homem por embelezar-se de uma estrela antes de ver a lua, quem? Ela era a estrela, e tu és a lua. Sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia e eu sou teu satélite.
FLORÊNCIA - Oh, não me convence assim..
AMBRÓSIO, à parte - O diabo convença a uma mulher! (Alto:) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessionário, com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que eu ponha a outra?
FLORÊNCIA - Ponha lá onde quiser...
AMBRÓSIO - Pois bem, com ambas sobre o coração, dir-te-ei: só tu és o meu único amor, minhas delícias, minha vida ... (À parte:) e minha burra!
FLORÊNCIA - Se eu pudesse acreditar!...
AMBRÓSIO - Não podes porque não queres. Basta um bocado de boa vontade. Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias, se aí a visses.
FLORÊNCIA - Se temes que eu a veja, é porque ainda a ama.
AMBRÓSIO - Amá-la eu? Ah, desejava que ela estivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu no ano passado.
FLORÊNCIA - Oh, meu Deus, se eu pudesse crer!
AMBRÓSIO, à parte - Está meia convencida...
FLORÊNCIA - Se eu o pudesse crer! (Rosa entra vestida de frade, pelo fundo, pára e observa.)
AMBRÓSIO, com animação - Estes raios brilhantes e aveludados de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e esgateado. Esses negros e finos cabelos varrem da minha idéia as suas emaranhadas melenas cor de fogo. esta mãozinha torneada (pega-lhe na mão), este colo gentil, esta cintura flexível e delicada fazem-me esquecer os grosseiros encantos

desta mulher que ...(Nesse momento dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco.)
FLORÊNCIA - O que tens? De que te espantas?
ROSA, adiantando-se - Senhora, este homem pertence-me.
FLORÊNCIA - E quem é vossa Reverendíssima?
ROSA, tirando o chapéu, que faz cair os cabelos - Sua primeira mulher.
FLORÊNCIA - Sua primeira mulher?
ROSA, dando-lhe a certidão - Leia (Para Ambrósio:) Conheceis-me, senhor? Há seis anos que nos não vemos, e quem diria que assim nos encontraríamos? Nobre foi o vosso proceder!... Oh, para que não enviaste um assassino para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo? Assim devíeis ter feito, porque então eu não estaria aqui para vingar-me, traidor!
AMBRÓSIO, à parte - O melhor é deitar a fugir. (Corre para o fundo. Prevenção.)
ROSA - Não o deixem fugir! (Aparecem à porta meirinhos, os quais prendem Ambrósio)
MEIRINHO - Está preso!
AMBRÓSIO - Ai! (Corre por toda a casa, etc. Enquanto isto se passa, Florência tem lido a certidão.)
FLORÊNCIA - Desgraçada de mim, estou traída! Quem me socorre? (Vai para sair, encontra-se com Rosa.) Ah, para longe, para longe de mim! (Recuando.)
ROSA - Senhora, a quem pertencerá ele? (Execução.)

FIM DO SEGUNDO ATO

ATO TERCEIRO

Quarto em casa de Florência: mesa, cadeiras, etc., etc., armário, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. É noite.

CENA 1

Florência deitada, Emília sentada junto dela, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.
FLORÊNCIA - Meu Deus, meu Deus, que bulha faz esse menino!
EMÍLIA - Maninho, estais fazendo muita bulha a mamãe...
FLORÊNCIA - Minha cabeça! Vai correr lá para dentro...
EMÍLIA - Anda, vai para dentro, vai para o quintal. (Juca sai com o carrinho.)
FLORÊNCIA - Parece que me estala a cabeça... São umas marteladas aqui

nas fontes. Ai, que não posso! Morro desta!...
EMÍLIA - Minha mãe, não diga isso, seu incômodo passará.
FLORÊNCIA - Passará? Morro, morro...(Chorando:) Hi.... (Etc.)
EMÍLIA - Minha mãe!
FLORÊNCIA, chorando - Ser assim traída, enganada! Meu Deus, quem pode resistir? Hi, hi!
EMÍLIA - Para que tanto se aflige? Que remédio? Ter paciência e resignação.
FLORÊNCIA - Um homem em quem havia posto toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito!
EMÍLIA - Coitada!
FLORÊNCIA - Enganar-me deste modo! Tão indignamente, casado com outra mulher. Ah, não sei como não arrebento...
EMÍLIA - Tranqüilize-se, minha mãe.
FLORÊNCIA - Que eu supunha desinteressado... Entregar-lhe todos os meus bens, assim iludir-me... Que malvado, que malvado!.
EMÍLIA - São horas de tomar o remédio. (Toma uma garrafa de remédio, deita-o em uma xícara e dá a Florência.)
FLORÊNCIA - Como os homens são falsos! Uma mulher não era capaz de cometer ação tão indigna. O que é isso?
EMÍLIA - O cozimento que o doutor receitou.
FLORÊNCIA - Dá cá. (Bebe.) Ora, de que servem estes remédios? Não fico boa; a ferida é no coração...
EMÍLIA - Há de curar-se.
FLORÊNCIA - Ora, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento, uma zoada, que há de oito dias me tem pregado nesta cama.
EMÍLIA - Eu estava no meu quarto quando ouvi gritos na sala. Saí apressada e no corredor encontrei-me com meu padrasto...
FLORÊNCIA - Teu padrasto?
EMÍLIA - ... que passando como uma flecha por diante de mim, dirigiu-se para o quintal e saltando o muro, desapareceu. Corri para a sala...
FLORÊNCIA - E aí encontraste-me banhada em lágrimas. Ela já tinha saído, depois de ameaçar-me. Ah, mas eu hei-de ficar boa para vingar-me!
EMÍLIA - Sim, é preciso ficar boa, para vingar-se.
FLORÊNCIA - Hei-de ficar. Não vale a pena morrer por um traste daquele!
EMÍLIA - Que dúvida!
FLORÊNCIA - O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já há mandato de prisão contra ele. Deixa estar. Enganar-me, obrigar-me a que te fizesse freira, constranger a inclinação de Carlos...
EMÍLIA - Oh, minha mãe, tenha pena do primo. O que não terá ele

sofrido, coitado!
FLORÊNCIA - Já esta manhã mandei falar ao D. Abade por pessoa de consideração, e além disso, tenho uma carta que lhe quero remeter, pedindo-lhe que me faça o obséquio de aqui mandar um frade respeitável para de viva voz tratar comigo este negócio.
EMÍLIA - Sim, minha boa mãezinha.
FLORÊNCIA - Chama o José.
EMÍLIA - José? José? E a mamãe julga que o primo poderá estar em casa hoje?
FLORÊNCIA - És muito impaciente... Chama o José.
EMÍLIA - José?

CENA 2

Ambas e José
JOSÉ - Minha senhora...
FLORÊNCIA - José, leva esta carta ao convento. Onde está o Sr. Carlos, sabes?
JOSÉ - Sei, minha senhora.
FLORÊNCIA - Procura pelo Sr. D. Abade, e lha entrega de minha parte.
JOSÉ - Sim, minha senhora
EMÍLIA - Depressa. (Sai José)
FLORÊNCIA - Ai, ai!
EMÍLIA - Tomara vê-lo já!
FLORÊNCIA - Emília, amanhã lembra-me para pagar as soldadas que devemos ao José e despedi-lo do nosso serviço. Foi metido aqui em casa pelo tratante, e só por esse fato já desconfio dele... Lé com lé, cré com cré... Nada; pode ser algum espião que tenhamos em casa...
EMÍLIA - Ele parece-me bom moço.
FLORÊNCIA - Também o outro parecia-me bom homem. Já não me fio em aparências.
EMÍLIA - Tudo pode ser.
FLORÊNCIA - Vai ver aquilo lá por dentro como anda, que minhas escravas pilhando-me de cama fazem mil diabruras.
EMÍLIA - E fica só.
FLORÊNCIA - Agora estou melhor, e se precisar de alguma cousa, tocarei a campainha. (Sai Emília)

CENA 3

FLORÊNCIA, só - Depois que mudei a cama para este quarto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... No meu, todos os objetos faziam-me recordar aquele pérfido. Ora, os homens são capazes de tudo, até de terem duas mulheres... E três, e quatro, e duas dúzias... Que demônios! Há oito dias que estou nesta cama; antes tivesse morrido. E

ela, essa mulher infame, onde estará. E outra que tal... Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, tão tola, que casei-me sem indagar quem ele era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora anda escondido... Ai, estou cansada... (Deita-se) Mas não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... assim me disse o procurador. Ai, minha cabeça! Se eu pudesse dormir um pouco. Ai, ai, as mulheres neste mundo... estão sujeitas... a... muito... ah! (Dorme.)

CENA 4

Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o hábito roto e sujo.

CARLOS - Não há grades que me prendam, nem muros que me retenham. Arrombei grades, saltei muros e eis-me aqui de novo. E lá deixei parte do hábito, esfolei os joelhos e as mãos. Estou em belo estado! Ora, para que ateimam comigo? Por fim lanço fogo ao convento e morrem todos os frades assados, e depois queixem-se. Estou no meu antigo quarto, ninguém me viu entrar. Ah, que cama é esta? É da tia... Estará... Ah, é ela... e dorme... Mudou de quarto? O que se terá passado nesta casa há oito dias. Estive preso, incomunicável, a pão e água. Ah, frades! Nada sei. O que será feito da primeira mulher do senhor meu tio, desse grande patife? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é um regalo! (Batem palmas.) Batem! Serão eles, não tem dúvida. Eu acabo por matar um frade...

MESTRE, dentro - Deus esteja nesta casa.

CARLOS - É o padre mestre! Já deram pela minha fugida...

MESTRE, dentro - Dá licença?

CARLOS - Não sou eu que ta hei-de dar. Escondamo-nos, mas de modo que ouça o que ele diz... Debaixo da cama... (Esconde-se.)

MESTRE, dentro, batendo com força - Dá licença?

FLORÊNCIA, acordando - Quem é? Quem é?

MESTRE, dentro - Um servo de Deus.

FLORÊNCIA - Emília? Emília? (Toca a campainha)

CENA 5

Entra Emília

EMÍLIA - Minha mãe...

FLORÊNCIA - Lá dentro estão todos surdos? Vai ver quem está na escada batendo. (Emília sai pelo fundo.) Acordei sobressaltada... Estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo, e era muito bem enforcado...

CENA 6

Entra Emília com o Padre-Mestre
EMÍLIA - Minha mãe, é o Sr. Padre-Mestre. (À parte:) Ave de agouro.
FLORÊNCIA - Ah!
MESTRE - Desculpe-me, minha senhora.
FLORÊNCIA - O Padre-Mestre é que me há-de desculpar se assim o recebo (Senta-se na cama.)
MESTRE - Oh, esteja a seu gosto. Já por lá sabe-se dos seus incômodos. Toda cidade o sabe. Tribulações deste mundo...
FLORÊNCIA - Emília, oferece uma cadeira ao Reverendíssimo.
MESTRE - Sem incômodo. (Senta-se.)
FLORÊNCIA - O Padre-Mestre veio falar comigo por mandado do Sr. D. Abade?
MESTRE - Não, minha senhora.
FLORÊNCIA - Não? Pois eu lhe escrevi.
MESTRE - Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.
FLORÊNCIA - Como assim?
MESTRE - Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapaz!
FLORÊNCIA - Pois tornou a fugir?
MESTRE — Se tornou! É indomável! Foi metido no cárcere a pão e águia.
EMÍLIA - Desgraçado!
MESTRE - Ah, a menina lastima-o? Já me não admira que ele faça o que faz.
FLORÊNCIA - O Padre-Mestre dizia...
MESTRE - Que estava no cárcere a pão e água, mas o endemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua e pôs-se a panos.
FLORÊNCIA - Que doudo! E para onde foi?
MESTRE - Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.
FLORÊNCIA - Posso afiançar a Vossa Reverendíssima que por cá ainda não apareceu. (Carlos bota a cabeça de fora e puxa pelo vestido de Emília.)
EMÍLIA, assustando-se - Ai!
FLORÊNCIA - O que é, menina?
MESTRE, levantando-se - O que foi?
EMÍLIA, vendo Carlos - Não foi nada, não senhora... Um jeito que dei no pé.
FLORÊNCIA - Tem cuidado. Assente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe dizia, o meu sobrinho cá não apareceu; desde o dia em que o Padre-Mestre o levou preso ainda não o vi. Não sou capaz de faltar a verdade.
MESTRE - Oh, nem tal suponho. E demais, Vossa Senhoria, como boa parenta que é, deve contribuir para sua correção. Esse moço tem revolucionado todo o convento, e é preciso um castigo exemplar.
FLORÊNCIA - Tem muita razão; mas eu já mandei falar ao Sr. D. Abade

para que meu sobrinho saísse do convento.
MESTRE - E o D. Abade está a isso resolvido. Nós todos nos temos empenhado. O Sr. Carlos Faz-nos loucos... Sairá do convento; porém antes será castigado.
CARLOS - Veremos...
FLORÊNCIA, para Emília - O que é?
EMÍLIA - Nada, não senhora.
MESTRE - Não por ele, que estou certo que não se emendará, mas para exemplo dos que lá ficam. Do contrário, todo o convento abalava.
FLORÊNCIA - Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impor é tão somente exemplar, e ele precisa um pouco, dou minha palavra a Vossa Reverendíssima que assim que ele aqui aparecer, mandarei agarrá-lo e levar para o convento.
CARLOS - Isso tem mais que se lhe diga...
MESTRE, levantando-se - Mil graças, minha senhora.
FLORÊNCIA - Isto mesmo terá a bondade de dizer ao Sr. D. Abade, a cujas orações me recomendo.
MESTRE - Serei fiel cumpridor . Dê-me as suas determinações.
FLORÊNCIA - Emília, conduz o Padre-Mestre.
MESTRE, para Emília - Minha menina, muito cuidado com o senhor seu primo. Não se fie nele; julgo capaz de tudo. (Sai)
EMÍLIA, voltando - Vá encomendar defuntos!

CENA 7

Emília, Florência e Carlos, debaixo da cama.
FLORÊNCIA - Então, que te parece teu primo Carlos? É a terceira fugida que faz. Isto assim não é bonito.
EMÍLIA - E para que o prendem?
FLORÊNCIA - Prendem-no porque ele foge.
EMÍLIA - E ele foge porque o prendem.
FLORÊNCIA - Belo argumento! É mesmo desta cabeça. (Carlos puxa pelo vestido de Emília.) Mas o que tens tu?
EMÍLIA - Nada, não senhora.
FLORÊNCIA - Se ele aqui aparecer hoje há-de ter paciência, irá para o convento, ainda que seja amarrado. É preciso quebrar-lhe o gênio. Estais a mexer-te?
EMÍLIA - Não, senhora.
FLORÊNCIA - Queira Deus que ele se emende... Mas que tens tu Emília, tão inquieta?
EMÍLIA - São cócegas na sola dos pés.
FLORÊNCIA - Ah, isso são cãibras. Bate com o pé, assim estais melhor.
EMÍLIA - Vai passando.
FLORÊNCIA - O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que

me deu o Ambró... - nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas? Bate com o pé.

EMÍLIA, afastando-se da cama - Não posso estar quieta no mesmo lugar; (À parte:) Que louco!

FLORÊNCIA - Estou arrependida de ter escrito. (Entra José.) Quem vem aí?

CENA 8

Os mesmos e José.

EMÍLIA - É o José.

FLORÊNCIA - Entregaste a carta?

JOSÉ - Sim, minha senhora, e o Sr. D. Abade mandou comigo um reverendíssimo, que ficou na sala à espera.

FLORÊNCIA - Fá-lo entrar.(Sai o criado.) Emília, vai para dentro. Já que um reverendíssimo teve o incômodo de vir cá, quero aproveitar a ocasião e confessar-me. Posso morrer...

EMÍLIA - Ah!

FLORÊNCIA - Anda, vai para dentro, não te assustes. (Sai Emília)

CENA 9

FLORÊNCIA, só - A ingratidão daquele monstro assassinou-me. Bom é ficar tranqüila com a minha consciência.

CENA 10

Ambrósio, com hábito de frade, entra seguindo José.

JOSÉ - Aqui está a senhora.

AMBRÓSIO, à parte - Retira-te e fecha a porta. (Dá-lhe dinheiro.)

JOSÉ, à parte - Que lá se avenham... A paga cá está.

CENA 11

FLORÊNCIA - Vossa Reverendíssima pode aproximar-se. Queira assentar-se. (Senta-se.)

AMBRÓSIO, fingindo que tosse - Hum, hum, hum... (Carlos espreita embaixo da cama.)

FLORÊNCIA - Escrevi para que viesse uma pessoa falar-me e Vossa Reverendíssima quis ter a bondade de vir.

AMBRÓSIO - Hum, hum, hum...

CARLOS, à parte - O diabo do frade está endefluxado.

FLORÊNCIA - E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso. Aqui esteve o padre-mestre; sobre isso falamos; está tudo justo e sem dúvida Vossa reverendíssima já está informado.

AMBRÓSIO, o mesmo - Hum, hum, hum...
FLORÊNCIA - Vossa Reverendíssima está constipado; talvez o frio da noite...
AMBRÓSIO, disfarçando a voz - Sim, sim....
FLORÊNCIA - Muito bem.
CARLOS - Não conheci esta voz no convento...
FLORÊNCIA - Mas para que Vossa Reverendíssima não perdesse de todo o seu tempo, se quisesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...
AMBRÓSIO - Ah! (Vai fechar as portas.)
FLORÊNCIA - Que faz, senhor? Fecha a porta? Ninguém nos ouve.
CARLOS, à parte - O frade tem más tenções...
AMBRÓSIO, disfarçando a voz - Por cautela.
FLORÊNCIA - Assente-se (À parte:) Não gosto muito disso... (Alto:) Reverendíssimo, antes de principiarmos a confissão, julgo necessário informar-lhe que fui casada duas vezes; a primeira, com um santo homem, e a segunda, com um demônio.
AMBRÓSIO - Hum, hum, hum...
FLORÊNCIA - Um homem sem honra e sem fé em Deus, um malvado. Casou-se comigo quando ainda tinha mulher viva! Não é verdade, reverendíssimo, que este homem vai direitinho para o inferno?
AMBRÓSIO - Hum, hum, hum...
FLORÊNCIA - Oh, mas enquanto não vai para o inferno, há-de pagar nesta vida. Há uma ordem de prisão contra ele e o malvado não ousa aparecer.
AMBRÓSIO, levantando-se e tirando o capuz - E quem vos disse que ele não ouso aparecer?
FLORÊNCIA, fugindo da cama - Ah!
CARLOS, à parte - O senhor meu tio!
AMBRÓSIO - Podeis gritar, as portas estão feichadas. Preciso de dinheiro e muito dinheiro para fugir desta cidade, e dar-mo-eis, senão...
FLORÊNCIA - Deixai-me! Eu chamo por socorro!
AMBRÓSIO - Que me importa? Sou criminoso; serei punido. Pois bem, cometerei outro crime, que me pode salvar. Dar-me-eis tudo quanto possuís: dinheiro, jóias, tudo! E desgraçada de vós, se não me obedeceis! A morte!...
FLORÊNCIA, corre por toda a casa, gritando - Socorro, socorro! Ladrão, ladrão! Socorro! (Escuro.)
AMBRÓSIO, seguindo-a - Silêncio, silêncio, mulher!
CARLOS - O caso está sério! (Vai saindo debaixo da cama no momento que Florência atira com a mesa no chão. Ouve-se gritos fora: Abra, abra! Florência, achando-se só e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se e cobre-se com uma colcha.)
AMBRÓSIO, procurando - Para onde foi? Nada vejo. Batem nas portas! O que farei?
CARLOS, à parte - A tia calou-se e ele aqui está.

AMBRÓSIO, encontra-se com Carlos e agarra-lhe o hábito - Ah, mulher, estais em meu poder. Estas portas não tardarão a ceder; salvai-me, ou mato-te!
CARLOS, dando-lhe uma bofetada - Tome lá, senhor meu tio!
AMBRÓSIO - Ah! (Cai no chão.)
CARLOS, a parte - Outra vez para a concha (Mete-se debaixo da cama.)
AMBRÓSIO, levantando-se - Que mão! Continuam a bater. Onde esconder-me? Que escuro! Deste lado vi um armário... Ei-lo! (Mete-se dentro.)

CENA 12

Entram pelo fundo quatro homens armados, Jorge trazendo uma vela acesa. Claro.
JORGE, entrando - Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém... (Dá com Florência no canto.) Quem está aqui?
FLORÊNCIA - Ai, ai!
JORGE - Vizinha, somos nós...
EMÍLIA, dentro - Minha mãe, minha mãe! (Entra.)
FLORÊNCIA - Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores? (Levantando-se ajudada por Jorge.)
EMÍLIA - Minha mãe, o que foi?
FLORÊNCIA - Filha!
JORGE - Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar: Socorro, socorro! Conheci a voz da vizinha e acudi com estes quatro amigos.
FLORÊNCIA - Muito obrigado, vizinho, ele já se foi.
JORGE - Ele quem?
FLORÊNCIA - O ladrão.
TODOS - O ladrão!
FLORÊNCIA - Sim, um ladrão vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.
EMÍLIA, para Florência - Minha mãe!
JORGE - Mas ele não teve tempo de sair. Procuremos.
FLORÊNCIA - Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se o encontrarem, dêem-lhe uma boa arrochada e levem-no preso. (À parte:) Há-de me pagar! Vamos menina.
EMÍLIA, para Florência - É Carlos, minha mãe, é o primo!
FLORÊNCIA, para Emília - Qual primo! É ele, teu padrasto.
EMÍLIA - É o primo!
FLORÊNCIA - É ele, é ele. Vem. procurem-no bem, vizinhos, e pau nele. Anda, anda. (Sai com Emília.)

CENA 13

JORGE - Amigos, cuidado! Procuremos tudo; o ladrão ainda não saiu daqui. Venham atrás de mim. Assim que ele aparecer, uma boa massada de pau, e depois os pés e mãos amarradas, e guarda do Tesouro com ele... Sigam-me. Aqui não está; vejamos atrás do armário. (Vê.) Nada. Onde se esconderia? Talvez debaixo da cama. (Levantando o rodapé:) Oh, cá está ele! (Dão bordoadas.)
CARLOS, gritando - Ai, ai, não sou eu. não sou ladrão, ai, ai!
JORGE, dando - Salta para fora, ladrão, salta! (Carlos sai para fora, gritando:) Não sou ladrão, sou de casa!
JORGE - A ele amigos! (Perseguem Carlos de bordoadas por toda a cena. Por fim, mete-se atrás do armário e atira com ele no chão. Gritos: Ladrão!)

CENA 14

Jorge só, depois Florência e Emília.
JORGE - Eles que o sigam; eu já não posso. O diabo esfolou-me a canela com o armário. (Batendo na porta.) Ó Vizinha, vizinha?
FLORÊNCIA, entrando - Então, vizinho?
JORGE - Estava escondido debaixo da cama.
EMÍLIA - Não te disse?
JORGE - Demos-lhe uma boa massada de pau e fugiu por aquela porta, mas os amigos foram-lhe no alcance.
FLORÊNCIA - Muito obrigada, vizinho. Deus lhe pague.
JORGE - Estimo que a vizinha não tivesse maior incômodo.
FLORÊNCIA - Obrigada. Deus lhe pague.
JORGE - Boa noite, vizinha; mande levantar o armário que caiu.
FLORÊNCIA - Sim senhor. Boa noite. (Sai Jorge.)

CENA 15

Florência e Emília
FLORÊNCIA - Pagou-me!
EMÍLIA, chorando - Então minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?
FLORÊNCIA - E continua a teimar?
EMÍLIA - Se o vi atrás da cama!
FLORÊNCIA - Ai, peior, era teu padrasto.
EMÍLIA - Se eu o vi!
FLORÊNCIA - Se eu lhe falei!... É boa teima!

CENA 16

JUCA, entrando - Mamãe, aquela mulher do papá quer lhe falar.

FLORÊNCIA - O que quer essa mulher comigo, o que quer? (Resoluta:) Diga que entre (Sai Juca.)
EMÍLIA - A mamãe vai afligir-se no estado em que está?
FLORÊNCIA - Bota aqui duas cadeiras. Ela não tem culpa. (Emília chega uma cadeira. Florência sentando-se;) Vejamos o que quer. Chega mais esta cadeira para aqui. Bem, vai para dentro.
EMÍLIA - Mas, se...
FLORÊNCIA - Anda; uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter. Farei tudo para perseguí-lo. (Emília sai.)

CENA 17

Entra Rosa. Já vem de vestido.
ROSA - Dá licença?
FLORÊNCIA - Pode entrar. Queira ter a bondade de sentar-se. (Senta-se.)
ROSA - Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinária...
FLORÊNCIA - E desagradável no ultimo ponto.
ROSA - Ambas casadas com o mesmo homem...
FLORÊNCIA - E ambas com igual direito.
ROSA - Perdoe-me, minha senhora, nossos direitos não são iguais, sendo eu a primeira mulher...
FLORÊNCIA - Oh, não falo desse direito, não o contexto. Direito de persegui-lo quero eu dizer.
ROSA - Nisso estou de acordo.
FLORÊNCIA - Fui vilmente atraiçoada...
ROSA - E eu indignamente insultada...
FLORÊNCIA - Atormentei meus filhos...
ROSA - Contribui para a morte de minha mãe...
FLORÊNCIA - Estragou grande parte da minha fortuna.
ROSA - Roubou-me todos os meus bens...
FLORÊNCIA - Oh, mas hei-de vingar-me!
ROSA, levantando-se - Havemos de vingarmo-nos, senhora, e para isso aqui me acho.
FLORÊNCIA, levantando-se - Explique-se.
ROSA - Ambas fomos traídas pelo mesmo homem, ambas servimos de degrau à sua ambição. E porventura somos disso culpadas?
FLORÊNCIA - Não.
ROSA - Quando lhe dei eu a minha mão, poderia prever que ele seria um traidor? E vós, senhora, quando lhe désteis a vossa, que vos uníeis a um infame?
FLORÊNCIA - Oh, não!
ROSA - E nós, suas desgraçadas vítimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de ligarmo-nos, para de comum acordo perseguimos o traidor?

FLORÊNCIA - Senhora, nem eu, nem vós temos culpa do que se tem passado. Quisera viver longe de vós; vossa presença aviva meus desgostos, porém farei um esforço - aceito o vosso oferecimento - unamo-nos e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres quando se querem vingar.

ROSA - Eu contava convosco.

FLORÊNCIA - Agradeço a vossa confiança.

ROSA - Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da Corte, mas tenho paixões violentas e resoluções prontas. Aqui trago uma ordem de prisão contra o pérfido, mas ele se esconde. Os oficiais de justiça andam em sua procura.

FLORÊNCIA - Aqui esteve há pouco.

ROSA - Quem?

FLORÊNCIA - O traidor.

ROSA - Aqui? Em vossa casa? E não vos assegurásteis dele?

FLORÊNCIA - E como?

ROSA - Ah, se eu aqui estivesse...

FLORÊNCIA - Fugiu, mas levou uma maçada de pau.

ROSA - E onde estará ele agora, onde?

AMBRÓSIO, arrebenta uma tábua do armário, põe a cabeça para fora - Ai, que abafo.

FLORÊNCIA e ROSA, assustadas - É ele!

AMBRÓSIO, com a cabeça de fora - Oh, diabos, cá estão elas!

FLORÊNCIA - É ele! Como te achas aí?

ROSA - Estava espreitando-nos!

AMBRÓSIO - Qual espreitando! Tenham a bondade de levantar este armário.

FLORÊNCIA - Para quê?

AMBRÓSIO - Quero sair... Já não posso... Abafo, morro!

ROSA - Ah, não podes sair? Melhor.

AMBRÓSIO - Melhor?

ROSA - Sim, melhor, porque estás em nosso poder.

FLORÊNCIA - Sabes que estávamos ajustando o meio de nos vingarmos de ti, maroto?

ROSA - E tu mesmo te entregaste... Mas como?...

FLORÊNCIA - Agora já te adevinho. Bem dizia Emília; foi Carlos quem levou as bordoadas. Ah, patife. mais essa!.

ROSA - Pagará por tudo junto.

AMBRÓSIO - Mulheres, vejam lá o que fazem!

FLORÊNCIA - Não me metes medo, grandíssimo mariola!

ROSA - Sabes que papel é este? É uma ordem de prisão contra ti que vai ser executada. Foge agora!

AMBRÓSIO - Minha Rosinha, tira-me daqui!

FLORÊNCIA - O que é lá?

AMBRÓSIO - Florencinha, tem compaixão de mim!
ROSA - Ainda falas, patife?
AMBRÓSIO - Ai, que grito! Ai, ai!!
FLORÊNCIA - Podes gritar. Espera um bocado. (Sai.)
ROSA - A justiça de Deus te castiga.
AMBRÓSIO - Escuta-me, Rosinha, enquanto aquele diabo está lá dentro: tu és a minha cara mulher; tira-me daqui que eu te prometo...
ROSA - Promessas tuas? Queres que eu acredite nelas? (Entra Florência trazendo um pau de vassoura.)
AMBRÓSIO - Mas eu juro que desta vez...
ROSA - Juras? E tu tens fé em Deus para jurares?
AMBRÓSIO - Rosinha de minha vida, olha que...
FLORÊNCIA, levanta o pau e dá-lhe na cabeça - Toma maroto!
AMBRÓSIO, escondendo a cabeça - Ai!
ROSA, rindo-se - Ah, ah, ah!
FLORÊNCIA - Ah, pensavas que o caso havia de ficar assim? Anda, bota a cabeça de fora!
AMBRÓSIO, principia a gritar - Ai! (etc.)
ROSA, procura pela casa um pau - Não acho também um pau...
FLORÊNCIA - Grita, grita, que eu já chorei muito. Mas agora hei-de arrebentar-te esta cabeça. Bota essa cara sem vergonha.
ROSA, tira o travesseiro da cama - Isto serve?
FLORÊNCIA - Patife! Homem desalmado!
ROSA - Zombaste, agora pagarás.
AMBRÓSIO, botando a cabeça de fora - Ai, que morro! (Dão-lhe.)
ROSA - Toma lá!
AMBRÓSIO, escondendo a cabeça - Diabos!
ROSA - Chegou a nossa vez.
FLORÊNCIA - Verás como se vingam duas mulheres...
ROSA - Traídas ...
FLORÊNCIA - Enganadas...
ROSA - Por um tratante...
FLORÊNCIA - Digno de forca.
ROSA - Anda, bota a cabeça de fora!
FLORÊNCIA - Pensavas que havíamos de chorar sempre?
AMBRÓSIO, bota a cabeça de fora - Já não posso (Dão-lhe.) Ai, que me matam! (Esconde-se.)
ROSA - É para teu ensino,
FLORÊNCIA, fazendo sinais para Rosa - Está bem, basta, deixá-lo. Vamos chamar os oficiais de justiça.
ROSA - Nada! Primeiro hei-de lhe arrebentar a cabeça. Bota a cabeça de fora. Não queres?
FLORÊNCIA, fazendo sinais - Não, minha amiga, por nossas mãos já nos vingamos. Agora, a justiça.

ROSA - Pois vamos. Um instantâneo, meu olho, já voltamos.

FLORÊNCIA - Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele não foge. (Colocam-se juntas do armário, silenciosas.)

AMBRÓSIO, botando a cabeça de fora - As fúrias já se foram. Escangalharam-me a cabeça! Se eu pudesse fugir... (Florência e Rosa dão-lhe.)

FLORÊNCIA - Por que não foges?

ROSA - Pode muito bem.

AMBRÓSIO - Demônios (Esconde-se.)

FLORÊNCIA - Só assim teria vontade de rir. Ah, ah!

ROSA - Há seis anos que não me rio de tão boa vontade!

FLORÊNCIA - Então, marinho!

ROSA - Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBRÓSIO, dentro - Demônios, fúrias, centopéias! Diabos! Corujas! Ai, ai! (Gritando sempre.)

CENA 18

Os mesmos e Emília

EMÍLIA, entrando - O que é? Riem-se?

FLORÊNCIA - Vem cá, menina, vem ser como se devem ensinar aos homens.

CENA 19

Entra Carlos preso por soldados, etc., seguido de Jorge.

JORGE, entrando adiante - Vizinha, o ladrão foi apanhado.

CARLOS, entre os soldados - Tia!

FLORÊNCIA - Carlos!

EMÍLIA - O primo! (Ambrósio bota a cabeça de fora e espia.)

JORGE - É o ladrão.

FLORÊNCIA - Vizinho, este é o meu sobrinho Carlos.

JORGE - Seu sobrinho? Pois foi quem levou a coça.

CARLOS - Ainda cá sinto...

FLORÊNCIA - Coitado! Foi um engano, vizinho.

JORGE, para os meirinhos - Podem largá-lo.

CARLOS - Obrigado. Priminha! (Indo para ela.)

EMÍLIA - Pobre primo.

FLORÊNCIA, para Jorge - Nós já sabemos como foi o engano, neste armário; depois lhe explicarei. (Ambrósio esconde-se.)

JORGE, para os soldados - Sinto o trabalho que tiveram... E como não é mais preciso, podem-se retirar.

ROSA - Queiram ter a bondade de esperar. Senhores oficiais de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se oculta dentro daquele armário.

TODOS - Naquele armário!
MEIRINHO, que tem lido o mandado - O mandado está em forma.
ROSA - Tenham a bondade de levantar o armário. (Os oficiais de justiça e os quatro homens levantam o armário.)
FLORÊNCIA - Abram (Ambrósio sai muito pálido, depois de abrirem o armário.)
CARLOS - O senhor meu tio!
EMÍLIA - Meu padrasto!
JORGE - O Sr. Ambrósio.
MEIRINHO - Estais preso.
ROSA - Levai-o.
FLORÊNCIA - Para a cadeia.
AMBRÓSIO - Um momento. Estou preso, vou passar seis meses na cadeia... Exultai, senhoras. Eu me deveria lembrar antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. O que diremos de duas? Reduzem-no ao estado em que me vejo. Mas não sairei daqui sem ao menos vingar-me em alguém. (Para os meirinhos:) Senhores, aquele moço fugiu do convento depois de assassinar um frade.
CARLOS - O que é lá isso? (Mestre de Noviços entra pelo fundo.)
AMBRÓSIO - Senhores, denuncio-vos um criminoso.
MEIRINHO - É verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...
MESTRE - ...Que já de nada vale. (Prevenção.)
TODOS - O Padre-Mestre!
MESTRE, para Carlos - Carlos, o D. Abade julgou mais prudente que lá não voltásseis. Aqui tens a permissão por ele assinada para saíres do convento.
CARLOS, abraçando-o - Meu bom Padre-Mestre, este ato reconcilia-me com os frades.
MESTRE - E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo deste malvado. (Para Carlos e Emília:) E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (ao público:) indulgência!
AMBRÓSIO - Oh, mulheres, mulheres! (Execução.)

FIM